



ENSINO RELIGIOSO: O MITO COMO CONTRIBUIÇÃO NA EDUCAÇÃO HUMANA

Elizandra dos Santos Brasil¹

Ivone de Lourdes Dmengeon²

Resumo: O presente estudo sobre mito e Ensino Religioso, vem contribuir para que o leitor permita-se a oportunidade de construir uma análise comparativa própria e coletiva a respeito do mito na vida humana, mais precisamente dentro da dimensão religiosa. Todo desenvolvimento integral de que o ser humano é protagonista ou não, passa por representações abstratas, as quais tornam possível a ele portar-se diante da vida de maneira a extrair da sua experiência terrena, uma fagulha que o sustente para o sentido buscado como resultado das inquietações que estão encerradas desde antes de sua existência no mais profundo do seu ser. Toda pessoa mostra-se como que através de um véu. Traz em si parte de mistério e Do Mistério, da Transcendência. Sua dinamicidade se move de maneira excepcional, que às vezes foge de um instante de vislumbamento diante da maravilha que se é e que se pode vir a ser. E é com o objetivo de parar, entender-se, compreender os outros e o Outro que este momento de reflexão se faz propício.

Palavras-chave: Ensino Religioso; Mistério; Sentido; Mito; Respeito.

¹ Licenciada em Pedagogia pela UCS/RS. Aluna do Curso de Pós-Graduação/ Especialização em Metodologia do ER pela Faculdade Bagozzi e AEC/PR. Professora de Ensino Religioso da rede privada em Curitiba. brasileli@hotmail.com

² Licenciada em Pedagogia pela UNIANDRADE. Aluna do Curso de Pós-Graduação/ Especialização em Metodologia do ER pela Faculdade Bagozzi e AEC/PR. Professora da segunda série do Ensino Fundamental e Coordenadora do ER na Escola Cônego Camargo, em Curitiba. Ivonedmengeon@hotmail.com

O que é mito?

Desde os primórdios da humanidade estamos em meio e contribuímos com as evoluções. As descobertas, as criações e invenções sempre foram uma constante na vida das pessoas. Parece que isso é uma prova que o ser humano quer buscar algo que ao mesmo tempo parece estar ao seu alcance pela sua inteligência e em contrapartida através das suas busca anseia pelo não desvendado como se fosse a resposta sobre as indagações a respeito do mistério de estar e permanecer vivo. O desconhecido interpela, incita, provoca a ação em favor de uma resposta que seja adequada às inspirações mais íntimas que cada ser traz em seu interior. Onde está a origem da vida, então? Qual o significado que ela tem para cada pessoa?

Daí a importância de que todos aqueles que são compromissados com a educação façam o esforço de trabalhar a partir da sua formação, para que as diversas matizes a respeito da significação do sentido da vida seja abarcado de maneira a valorizar o que todas as Tradições Religiosas dizem.

O mito é fantasia, porém é concretude. Mito é a extensão do anseio, do desejo do ser humano de explicar e ser explicado, de entender e de ser entendido.

Para ELÍADE (P.17 1972), "... conhecer os mitos é aprender o sentido da origem das coisas... Aprendem-se não somente como as coisas vieram à existência, mas também onde encontrá-las e como fazer com que reapareçam quando desaparecerem". Daí a importância de procurar conhecer o sentido de diferentes mitos, e de aplicá-los no cotidiano abrindo oportunidade para que o respeito entre o diferente seja estabelecido e caminhe para uma permanência sempre maior e eficaz; e para que todos sejam privilegiados da fonte de enriquecimento que as diversas tradições religiosas existentes têm a oferecer a partir das suas estruturas, doutrinas, ritos. "O erro mais trágico e persistente do pensamento humano é o conceito de que as idéias são mutuamente exclusivas".(PCNs, p.20). Neste sentido, caminha-se para o fechamento em si mesmo e alargam-se as chances para o empobrecimento acrescido de uma ignorância sovina e destrutiva. Um verdadeiro sentido da importância do outro no curso das coisas, vem da descoberta de cada ser a respeito de seus próprios conceitos enquanto participante de uma comunidade

religiosa e/ou mesmo como ser religioso; isso possibilita, (supõe-se) um caminho para a alteridade e o abrir-se para enriquecer e ser enriquecido pelo desconhecido que advém de outrem não como ameaça mas como partilha benéfica e como companheiros de jornada a procura do mesmo fim: o sentido da existência.

O mito, segundo a ENCICLOPÉDIA BRITÂNICA DO BRASIL, “constitui uma realidade antropológica fundamental, pois ele não só representa uma explicação sobre as origens do homem e do mundo em que se vive, como traduz por símbolos ricos de significado o modo como um povo ou civilização entende e interpreta a existência.” (p. 85, 1997) O ser humano anseia por desvendar o seu fim último, indaga-se de onde veio, o que faz aqui neste mundo e para onde vai, essas perguntas são pertinentes durante sua breve vida. Sua busca é em prol do seu desenvolvimento cultural, social, psicológico. Começa neste mundo e vai para além desta vida, fecho de sua crença e procura. E o interessante é que cada pessoa busca do seu jeito, segundo a crença na qual foi iniciado ou na qual fez a opção. O que importa é o sentido da vida, almejado, ansiado por todos independente da condição étnica, social ou cultural.

De acordo com VIESSER (p. 85. 2005), *mito-mythos* – advém do grego, que significa etimologicamente fábula. Significando fábula, torna-se algo que é transmitido oralmente por nossos antepassados, tendo como base a fidelidade do repasse na transmissão das narrativas; para que o ser humano possa compreender a realidade na qual vive e assim, para que construa seu conhecimento acerca do que acredita. A existência humana em sua essência é uma fábula, onde o que se é, não está escrito. Pode-se prever alguma coisa, mas nunca delimitar em certezas estáticas, pois o ser humano é dinâmico, ativo. Com o passar do tempo faz parte da historicidade dos outros e vai construindo a sua de maneira criativa, única, peculiar.

Já temos nos deparado com inúmeras ferramentas que explicitam experiências que vêm tentar ajudar o ser humano a construir-se como pessoa. Esse é o desafio e o propósito das buscas ininterruptas que este realiza por toda a sua existência. O mito é, seguindo esta idéia, mais uma delas que, diga-se de passagem, alargam de maneira extraordinária as opções para o fim buscado. Ele materializa o que não é concreto. Tem a função de explicar algo

que não se vê, mas que se acredita. Com este intuito, busca-se aqui oferecer, através desta abordagem a quem lê, uma oportunidade de interpretar de maneira rica e criativa como o mito se aplica na vida humana, a partir é claro, da atuação nas entrelinhas feita por inferência do Ensino Religioso. Ele está aí como uma ferramenta que auxilia a destrinchar, a clarificar, a trazer à tona, ao alcance das pessoas, com a precisão mais eficiente possível, o que está implícito na cultura religiosa na qual está inserido e ou mesmo o que há em outras culturas. Não dá para fechar os olhos ou recusar-se a perceber que as crenças que envolvem o que é o campo de trabalho do ER, é exclusivamente matéria para que ele se desenvolva, se aperfeiçoe e contribua para a harmonia entre as culturas e religiões.

É na tradição oral de matriz africana que vamos buscar inspiração para o artigo. Apontando através do exemplo que “... em cada indivíduo, em cada povo, em cada cultura existe algo que é relevante para os demais, por mais diferentes entre si” (PCNs, p. 20) E isso precisa ser assimilado e visto de maneira a criar admiração pelo que ajuda e contribui no encontro da pessoa com sua essência.

O mito colabora quando se trata também da religiosidade das pessoas, ele está incutido na mente humana, é fato indispensável na existência humana. Diante das diversas maneiras de como o viver e a vida se apresentam, como o ser humano conduz sua reflexão? Como ele interpreta a realidade que o cerca mesmo sem entender, ou ter alusões lógicas sobre suas dúvidas e anseios?

O mito da criação de matriz afro, segundo a CARTILHA DIVERSIDADE RELIGIOSA E DIREITOS HUMANOS:

“... no princípio havia uma única verdade no mundo. Entre Orun (mundo invisível, espiritual) e o Aivê (mundo natural) existia um grande espelho, assim tudo que estava no Orun se materializava e se mostrava no Aiyê. Ou seja, tudo que estava no mundo espiritual se refletia exatamente no mundo material. Ninguém tinha menor dúvida em considerar todos os acontecimentos como verdades. E todo cuidado era pouco para não se quebrar o espelho da Verdade, que ficava perto do Orun e bem perto de Aiyê. Neste tempo, vivia no Aiyê uma jovem chamada Mahura, que trabalhava muito, ajudando sua mãe. Ela passava dias inteiros a pilar inhame. Um dia, inadvertidamente, perdendo o controle do movimento ritmado que repetia sem parar, a mão do pilão tocou no espelho, que se espatifou pelo mundo, Mahura correu desesperada para se desculpar com Olorum (o Deus Supremo) Qual não foi a surpresa da jovem quando encontrou Olorum calmamente deitado à sombra de um iroko (planta sagrada, guardiã

dos terreiros). Olorum ouviu as desculpas de Mahura com toda atenção, e declarou que, devido à quebra do espelho, a partir daquele dia não existiria mais uma verdade única. E concluiu Olorum: ‘De hoje em diante, quem encontrar um pedaço de espelho em qualquer parte do mundo já pode saber que está encontrando apenas uma parte da verdade, porque o espelho espelha sempre a imagem do lugar onde ele se encontra.’

Assim, como este, existem inúmeros outros mitos que trazem ao entendimento indagações a respeito do novo, da criação, da descoberta. É o ser humano querendo explicar-se e buscando explicação acerca do que não conhece, mas deseja conhecer e por que não tocar e ser tocado? Sim, o E.R. dará e será oportunidade ao educando (a) para que este se encontre e busque o que pode saciar sua sede infindável do sentido da vida, do sentido a si mesmo e a tudo que o rodeia, formando conceitos e tendo explicações para os seus questionamentos.

Sobre o prisma da Enciclopédia Britânica do Brasil, vemos que o “mito como uma narrativa tradicional, contudo religioso, que procura explicar os principais acontecimentos da vida das pessoas por meio do sobrenatural” (p.85. 1997) conduz a um entendimento da realidade à altura da capacidade humana para tal. Já que adentramos com isso, no plano metafísico, onde com nossa inteligência alcança-se parte da verdade que se mescla de conclusões e expectativas...

Mas que características, então, o mito traz, que de certa forma materializa e ajuda e assimilar situações para além dos fatos corriqueiros? O mito envolve o ser humano em sua teia e faz com que os fatos do passado sejam parte do seu presente, mostra que a ação e a vida humana está interligada. O mito “envolve acontecimentos supostos, relativos a épocas primordiais, ocorridos antes do surgimento dos homens. (história dos deuses) ou com os “primeiros” homens (história ancestral)”. (ENCICLOPÉDIA BRITÂNICA DO BRASIL, p.86. 1997).

Parafrazeando Eliade, o mito relata uma história sagrada, um acontecimento que teve lugar num momento primordial, o tempo chamado “dos começos”. O mito conta sobre as obras dos seres sobrenaturais, e que de repente passa a existir no plano natural; é sempre uma forma de narração de uma criação, descreve-se como algo foi produzido, como começou a existir.

E continuando ainda, o objeto do mito são as diversas situações em que se procura dar sentido ao mundo. É mediação entre o sagrado e o profano. É verdade escatológica e tem o ser humano como o ponto de ligação entre a realidade e o seu sentido último, a sua transformação última. O mito transcende a experiência do *hic et nunc*, o senso comum, e a razão. O mito não precisa de demonstração. Por isso, é uma linguagem apropriada à religião. Abrange maior amplitude de mensagens, desde atitudes antropológicas muito imprecisas, até conteúdos religiosos, pré-científicos, tribais, folclóricos ou simplesmente anedóticos.

O papel do mito para o ser humano

O ser humano na busca incessante em desvendar o mistério de sua existência tenta compreender esta realidade através dos mitos que lhe são apresentados desde seu nascimento; ou pelo menos, convencer-se de que o existir não é um acaso. As interrogações pertinentes estão sempre em seu percalço: De onde viemos? Quem somos? Para onde vamos? Esses questionamentos permeiam o mito da origem humana; que para Campbell (p.05, 1990) todas as pessoas procuram “uma experiência de estar vivos, de modo que nossas experiências de vida no plano puramente físico, tenham ressonância no interior de nosso ser e de nossa realidade mais íntimos, de modo que realmente sintamos o enlevo de estar vivos...” portanto, estar vivo é estar em sintonia com o interior de si próprio e, assim, procurar fazer o melhor fisicamente para que interiormente sintamos bem e em paz. Realizando-se isso, ter-se-á uma experiência de vida, onde os significados estarão se movimentando de maneira a construir o que se almeja enquanto resposta para a existência.

Vejamos como um pouco disso se dá: segundo Campbell (p.09. 1990), os adolescentes criam os mitos por iniciativa própria, ou seja, “... tem suas próprias gangues, suas próprias iniciações, sua própria moralidade. (...) Eles não foram iniciados na sociedade”. Eis a importância de conduzir, de aprender para poder ensinar, ou seja, se educar *ethos* aos adolescentes e aos jovens, para que dentro de seus costumes conheçam seus mitos e tornem-se

peças que respeitam e adquirem sabedoria de vida, para que não abarquem a tendência de estarem entre os jovens que não crêm em mais nada, onde suas vidas tornam-se um abismo, um vazio sem significado; donde, então emerge as drogas, procuradas pelas soluções rápidas que oferecem dos problemas que talvez nem sejam problemas, mas sim confusões e mal-entendidos. Atualmente, de acordo com Campell (p. 10. 1990), "... as escolas visam somente à especialização", deixando de lado as "histórias sobre a sabedoria de vida", à qual o público dos adolescentes e jovens mostra-se interessado em aprender. Portanto, é importante ressaltar que se deve levar ao conhecimento dos jovens a introdução dos conhecimentos não-formais, a fim de lhes propor novas alternativas de vida.

Para CAMPBELL (p.74. 1990), "... o mito precisa servir a dois propósitos, induzir o jovem a participar da vida de seu mundo, e depois, desenganjá-lo.", ou seja, faz-se necessário que conheça e atue sob seus costumes, para então, conseguir o que realmente quer atingir. Numa entrevista concedida a Moyers, Campbell quando indagado, diz:

"Quando criança, você é educado num mundo de disciplina, de obediência, e é dependente dos outros. Tudo isso tende ser superado quando você atinge a maturidade, de modo que possa viver não em dependência, mas com uma autoridade auto-responsável. Se você não for capaz de cruzar essa barreira, poderá se tornar um neurótico. Depois de ter conquistado, produzido o seu mundo, vem a crise de ser dispensado, a crise do desengajamento."

MOYERS: E finalmente a morte?

Campbell: E finalmente a morte. É o desengajamento definitivo. Assim, o mito precisa servir aos dois propósitos, induzir o jovem a participar da vida do seu mundo e depois desengajá-lo. A idéia folclórica desencadeia a idéia elementar, que guia você na direção da sua própria vida interior." (p.74. 1990)

Sendo o ser humano repleto de questionamento a respeito de tudo que o cerca, cabe a ele se envolver na complexidade de sua vida, não em suas complicações, buscando as inúmeras alternativas que enobrecem e valorizam sua existência. Pois, conhecendo a existência da diversidade de culturas e que há uma infinidade de mitos através dos quais as pessoas se apóiam e ele se direciona para um itinerário que remete a compreensão e o prepara para que se adapte ao mundo em que vive de maneira pessoal e coletiva.

Segundo ELÍADE (p.11, 1972) “o homem é um ser mortal, sexuado e cultural” devido as “irrupções do sagrado (ou do sobrenatural)”, exemplo disso é *Simba* de *O Rei Leão*, que volta à “luta” da vida devido à interferência do sobrenatural, ou seja, a aparição de seu pai é que o faz ver quem ele é realmente e lhe encoraja a voltar ao Reino; isso pode ser aplicado analogicamente ao ser humano: desde sempre procura formas de encontrar-se consigo mesmo, vai a procura das diversas religiões, a fim de identificar-se buscando mesmo sem saber o desvendar do mistério de si mesmo; procura algo que o ajude a preencher o vazio no qual sente que está imerso. Nesse caso o mito, se refere a busca do verdadeiro eu, à identidade pessoal, única, irrepetível; e às mais diversas realidades que faz com que o ser humano coloque um porquê às suas atividades do cotidiano. A tarefa de desvendar a sua origem é árdua, sem a qual não há compreensão nem do mundo pessoal, quanto mais do coletivo e do sobrenatural.

Para ELÍADE (p.16, 1972) o homem arcaico, “é resultado de um número de eventos míticos... que constituem uma história sagrada”, ou seja, é o que é, porque entes sobrenaturais permitiram que fosse assim; já para o homem moderno, ainda segundo ELÍADE, é como é hoje, porque houve contribuição de toda a sociedade; desde o descobrimento do fogo até os acontecimentos maléficos ou benéficos ocorridos com a humanidade o fazem ser um sujeito que está à mercê de tudo o que ocorre no passado e presente e que isso contribuirá para os que futuramente passarem por aqui, ou seja, a vida está repleta da rica característica da história.

O ser humano dentro de sua perspectiva de ser em relação, busca o auto-conhecimento, interage e interfere no meio em que vive. Portanto, busca um envolvimento com o Transcendente como forma de encontrar e assumir sua identidade; por isso a compreensão dos mitos presente na vida humana é relevante: de acordo com ELÍADE (p.18, 1972) “conhecer os mitos é aprender o segredo da origem das coisas”, é identificar de maneira inteligível como o sentido existe e como encontrá-lo no cotidiano. Desse modo, o conhecimento torna-se claro, passa da mente para o coração, a partir do momento que realmente se vivencia e conhece o que é buscado, encontra-se o que se procura.

As ações humanas são reflexos dessa busca diante de todas as situações que surgem no seu cotidiano. Cada solução almejada perante o que é aparentemente inexplicável ou sem nexos, revela seu desejo de estar a procura do sentido para sua existência. Com isso, a transcendência, o querer ir além do natural torna-se companheiro na jornada terrena do ser humano: em suas ações e utopias, mesmo sem que ele próprio o saiba; daí as crenças, superstições, mitos incutidos e mesclados em sua existência.

Respeito ao diferente

De acordo com o PCNER p. 20: “... pelo espírito de reverência às crenças alheias (e não só pela tolerância) desencadeia-se o profundo respeito mútuo que pode conduzir a paz.” Sob a perspectiva do ser em relação, abre-se campo para uma miscelânea de descobertas; faz-se necessário conhecer as mais diferentes crenças que surgem e conseqüentemente abrir-se para o novo que desponta em cada pessoa e aqui, em cada aluno oriundo das mais diversas realidades, sobretudo quando se fala a nível de Brasil. O E.R., na escola, tende a unir as mais diferentes culturas, ou dimensões religiosas, a fim de que haja entendimento mútuo e a aquisição de novos conhecimentos a respeito das diversas religiões existentes.

A reverência e o respeito à maneira do outro acreditar e manifestar sua fé, é um paradigma a ser estudado com comprometimento, sem preconceitos, pois que este vem enfatizar não a visão sob determinado ângulo, mas sim, vem “desmistificar” o que foi se construindo no sentido negativo em relação às tradições religiosas, enquanto ponto de partida para um entendimento mais harmonioso entre as pessoas.

Até aqui, se fizermos uma análise, todos os fatores contribuem para a diversidade, desde o fato do ser humano em contato climático quanto às questões regionais, nacionais, continentais, de ascendência ou descendência. Mas se a diversidade é ponto de parada, sem o esforço de ir, além disso, o E.R. como área de conhecimento está incompleto. É o E.R. que “costura” o

mito que cada um cria, expande e alarga horizontes, motiva para o respeito. Se cada um é formado para viver com propriedade sua crença, este acaba respeitando o diferente do outro, porque acaba compreendendo que todos buscam respostas iguais que supram sua necessidade de transcender, mas é claro, de maneira diferente e este é um direito que não pode ser negado a ninguém.

Para ELÍADE (p.123, 1972), "... a religião mantém a 'abertura' para o mundo sobre-humano", ou seja, a religião contém valores absolutos para todas as atividades humanas, nas quais o ser humano se confronta com o mistério compreendendo a linguagem que o mundo lhe oferece. Para tal explicação, é imprescindível que se identifique os modelos que os mitos lhe revelam, a fim de que se construa significação ao mundo, levando-se em conta que o que se busca é despontar para as idéias de "realidade, de valor e de transcendência" (p.128,1972).

O mito que envolve o ser humano precisa ser realmente "desmistificado": nada de complicação e sim buscar entender a complexidade impossível de se ignorar. Implantar ao invés da hegemonia de uma tradição religiosa a harmonia e o enriquecimento mútuo. É difícil tal caminho, mas o encontro com o Transcendente perpassa pela experiência com o outro, portanto é caminho necessário. Toda ação transcendental interpele e possibilita refletir e agir em prol do outro: a alteridade também tem a ver com respeito, com valorização do diferente. Essa é uma das missões do E.R. na vida das pessoas, inserido na vida dos alunos (as).

É nesta finitude, neste mundo da precariedade, do efêmero que o fenômeno religioso se fundamenta, se avoluma e se faz imprescindível ser reconhecido - sutilmente como a ação mítica entre as pessoas. Trabalhando-o, dá-se oportunidade para que a construção da liberdade na prática da sua fé seja cada vez mais incentivada e valorizada. Todos têm direito de ter ou optar pela religião que quiserem, pois segundo CAMPBELL (p.59,1990), "toda religião é verdadeira, de um modo ou de outro", mas faz-se necessário compreendê-la em sua essência, não criando suas próprias metáforas. O E.R. diz em sua prática que é muito bom que o conhecimento a respeito seja externado para outras pessoas: todo "conhecimento é patrimônio da humanidade", logo, a socialização só trará benefícios para todos.

A função da escola, além do conhecimento sistematizado é contribuir para que o conhecimento religioso esteja ao alcance dos alunos. A escola é formadora, portanto sua participação no cotidiano das pessoas é um marco importante para a abertura às novas conquistas nesse campo. Quando a aprendizagem é desenvolvida de maneira integral, a criança conhece a si, reconhece-se e conhece o outro, nisto consiste a educação de qualidade que trabalha a partir do seu próprio mito. Cabe à escola conduzir o E.R. sob uma reflexão crítica, na qual se estabelece significados, faz-se comparações... orienta-se para a compreensão da dimensão religiosa na qual o educando (a) está inserido e subsidiando-o em sua concepção de mundo, ajudará para que haja comprometimento com a construção do sentido da vida que terá como desfecho a experiência concreta com o Transcendente .

Todos falam de uma fraternidade universal. Como aconteceria na prática educativa? Para tanto, cabe aos educadores trabalhar com variedades de metodologias que despertem e auxiliem a motivação interna do educando para o conhecimento. Despertando neles o interesse por saber o porquê dos diferentes mitos existentes na vida das pessoas e o porquê ela devotam a eles tanta importância. Faz-se necessário também, que o educador (a) esteja seguro, para que consiga atingir os objetivos com os alunos; visando assim, a aquisição de novos conhecimentos e fortalecimento e ênfase ao que já se sabe a respeito do desconhecido que está sendo oferecido sob um novo prisma.

Façamos uma analogia com o mito afro: quando existe uma única verdade absoluta, há a exclusividade que mata, empobrece e sufoca. Logo, todos caminhariam para tal fraternidade a partir da aceitação da verdade do outro, seus princípios religiosos também são relevantes. A importância de estabelecer o diálogo entre os (as) educandos (as) se faz imprescindível, o referencial religioso precisa ser aprofundado sem restrições, sem resistência é o bem comum que se quer alcançar.

Todo mistério humano está encerrado num vaso de barro. É preciso cautela, cuidado, para não magoar ou insinuar qualquer postura que venha ferir a maneira que cada um tem de buscar e refletir sobre os mitos que envolvem a origem de sua vida, de sua morte e para além da morte: o encontro com o Ser Superior.

Considerações finais:

“Enquanto cada grupo, pretender ser o dono da verdade, enquanto perdurar essa estreiteza de visão, a paz mundial permanecerá um sonho inatingível.” (PCNs, p.20)

O mito enquanto fato da vida diária da humanidade traz e sempre trará desafios a serem desvendados e trabalhados na educação das pessoas. O E.R. é a área que vai conduzir, reger a ação a fim de conseguir harmonizar os anseios religiosos que estão guardados no âmago de cada ser; o conhecimento das diferentes tradições religiosas só tende a trazer benefícios. O mito que envolve o que parece ser inatingível sob o olhar humano é o segredo que motiva e apela para a busca da felicidade e conseqüentemente do sentido da vida humana.

Não há humanidade sem crença, sem uma fé. Não há humanidade sem o mito, sem ser ou estar inserida num mito. Pois a verdade se veste de muitas caras e assim a visão é mais ampla que a compreensão natural. O sonho pela paz será alcançado à medida que os passos são dados com consciência e clareza do que se procura apresentar e assimilar. O mito enquanto reflexo da “certeza” sobre desconhecido abre portas para a descoberta de si e do outro como participante indispensável na grande jornada da vida rumo a realização plena.

Referências Bibliográficas:

Cartilha Diversidade Religiosa e Direitos humanos

CAMPBELL, Joseph. **O Poder do Mito**. São Paulo: ed. Palas Athena.1990.

ELIADE, Mircea. **Aspectos do Mito**, Edições 70, Lisboa

ELÍADE, Mircea. **Mito e Realidade Debate e Filosofia**. São Paulo: Ed. Perspectiva. 1972.

Enciclopédia Britânica do Brasil. Publicações Ltda.

Rio de Janeiro, São Paulo, v. 10, 1997.

Parâmetros Curriculares Nacionais – Ensino Religioso Edições AM São Paulo, 1997.

VIESSER, Lizete Carmem. **Fundamentos Pedagógicos do Ensino Religioso**. IESDE, Curitiba: 2005.